

## **Jornada**

Por Íris Schmitt

*Jornada* faz pensar sobre a morte de forma bela e banal. Pessoas morrem. Mas, aqui, entre as mortes e os mortos, vivemos.

Visitas ao cemitério costumam ser raras, breves e associadas a sentimentos de pesar, mas há quem não se sinta assim, possuindo uma relação um pouco mais familiar e íntima com o espaço, ou por hábito consolidado de fazer visitas aos repousantes conhecidos ou por franca vontade de estar ali, talvez sentindo-se mais à vontade e em paz entre os mortos que entre os vivos. Em todo caso, para que possa ser possível qualquer espécie de contato metafísico com a morte dentro de um sepulcrário, é preciso que as portas do mesmo estejam abertas para entrar. Alguém precisa abri-las, assim como é crucial que alguém libere espaço para ossadas novas enquanto outra pessoa prepara o cimento para subir um novo jazigo, observando quem se encarrega de varrer o chão com os restos de flores murchas da semana passada que o visitante, sensibilizado pela perda, não gostaria de ver, porque lembraria que toda coisa viva um dia murcha, seca e morre, que o tempo não para por nada nem por ninguém. A maior parte de nós não chega a acumular mais que algumas dezenas de horas em cemitérios ao longo de toda nossa vida mas, de uma forma ou de outra, somos sensibilizados pelo espaço. Como passar todos os dias lá dentro, trabalhando, mudaria essa relação? A maneira atenciosa de apresentar esta questão em *Jornada* é extraordinária.

Cada um de nós conta com uma mística, religiosa ou ritualística para encarar a ideia inevitável do fim, mas, como tudo relativo à vida, morrer também tem sua burocracia, seus protocolos, suas implicações práticas. Continuamos a resolver pendências durante um tempo. É só depois de nos examinar, registrar, abençoar e dizerem adeus, é que podemos começar a pensar em descansar. No melhor dos cenários, foi previamente estabelecido o destino final do corpo e ele será, tão breve quanto possível, encaminhado para o lugar escolhido pela consciência que nele habitava. Enterrados, mumificados, salvaguardados em urnas, dispersos no ar. Estaremos em todos os cantos, jazendo história. Se as famílias lidarão com o luto, as pessoas que cuidam dos corpos terão de lidar com o resto...

Há todo um ecossistema cuidadosamente construído e gerido no cemitério para que o processo de remissão da perda possa ser sentido sem distrações por quem vela um corpo, para que, qualquer que seja o procedimento de despedida, este seja respeitado. Foi o que o olhar sensível da realizadora de *Jornada*, Maiara Rocha, compreendeu. Enquanto uma família chora o falecimento de um avô, tão amado, alguém está preparando sua cova, escovando seu cabelo, montando sua coroa de flores... Para que uma família possa velar, todo dia é preciso cavar, demolir, argamassar, reconstruir, limpar, recolher, florir...

*Jornada* oferece uma visão sublime de uma necrópole viva, mostra o invisível à luz do dia, o oculto e o discreto, o curioso, o mórbido, o cotidiano. Não como antíteses, mas de uma vez só. É uma única peça com muitos afetos, que não precisa ser desmontada para fazer sentido, nem exige relação íntima com o tema para fazer sentir, mas cresce no encontro com as bagagens de quem embarca nela.